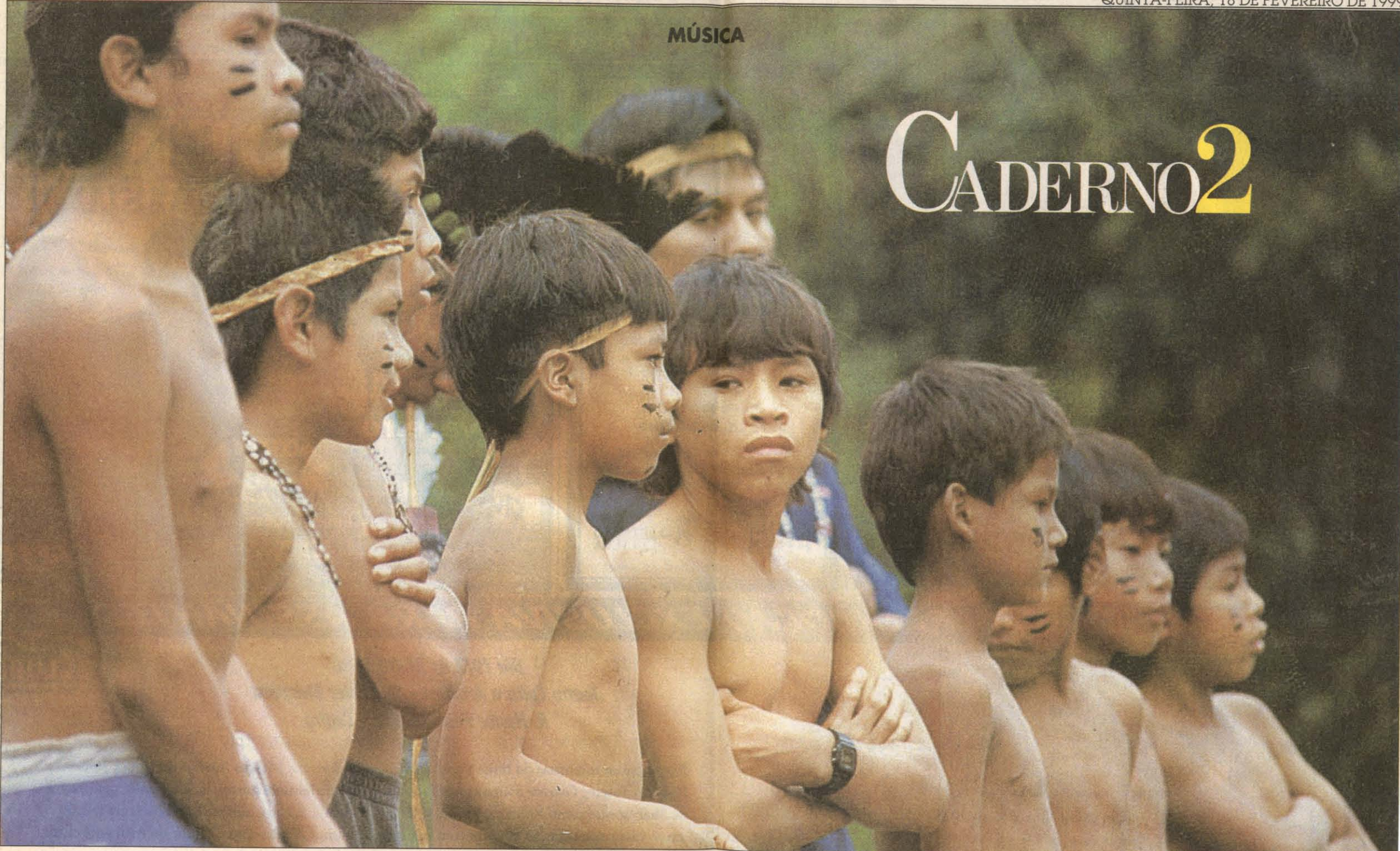


MÚSICA

CADERNO 2



Crianças guaranis que participaram da gravação do CD 'Nande Reko Arandu', que será lançado amanhã à noite no Sesc Pompéia, em São Paulo: quatro aldeias e brancos gravam na casa de rezas da tribo

# MEMÓRIA VIVA GUARANI

Amanhã, no Sesc Pompéia, 120 índios fazem o espetáculo de lançamento do primeiro CD a registrar cânticos rituais da tribo que já teve população de quase um milhão no País e hoje está reduzida a 7 mil pessoas

JOTABÉ MEDEIROS

Amanhã à noite, 120 índios guaranis deixarão os dormitórios do Instituto Cajamar, no quilômetro 46,5 da rodovia Anhangüera, onde estão hospedados desde o início da semana, e rumarão para o Sesc Pompéia. A maior parte deles é criança e tem entre 10 e 16 anos. Eles vêm de 5 aldeias de São Paulo e do Rio.

A apresentação de *Nande Reko Arandu* (Memória Viva Guarani) pelos índios no Sesc é talvez o maior esforço já empreendido no sentido de resgatar da tradição oral o legado cultural dos guaranis. Trabalho conjunto de quatro associações indígenas, do programa Comunidade Solidária, mais três prefeituras, quatro secretarias e 300 índios, o espetáculo reveste-se de dupla importância.

A importância fundamental é evidente: apesar dos 500 anos de convivência, nunca os brasileiros visitaram a tradição dos cânticos guaranis. Não havia, até agora, registro sonoro dos cantos de reza, fertilidade, batismo, brincadeiras, histórias, acalantos. O segundo ponto a se destacar nessa apresentação é o resultado: o disco que os guaranis gravaram, com base em corais infantis, é de uma beleza extraordinária.

"O canto infantil é tradicional na cultura guarani", explica o coordenador do projeto, o historiador e sociólogo Antônio Maurício Fonseca de Oliveira, que também é interlocutor em SP do programa Comunidade Solidária. "O repertório é montado pelos próprios guaranis, com canções coletadas com os mais velhos da tribo", diz Oliveira.

**Boa Vista** - As gravações foram feitas em quatro sessões, em diversas circunstâncias, na aldeia Jaexaá Porã (Boa Vista, em português), pela Unidade Móvel do estúdio Zabumba. Participaram índios das aldeias Sapucaí (Tape Nhemoxaká, de Angra dos Reis), da aldeia Morro da Saudade (Tenondé Porã, de Pareiheiros), da aldeia Rio Silveira (Kunhá Arandu Mirim, de São Sebastião) e da aldeia Boa Vista.

"Quando a gente leva um branco na casa da reza parece que não dá

para se concentrar", diz o índio Timóteo Verá Popyguá. "E, de repente, naquele dia da gravação, na casa de reza da aldeia Boa Vista, tinha câmera, tinha gravador, microfone para gravar, tinha foto tirando e, em nenhum momento, não se interferiu nem atrapalhou a parte do cântico, da concentração que a gente tem ali", afirma Popyguá, acrescentando que as pessoas que estavam lá naquele dia eram "escolhidas".

Segundo o historiador Antônio Maurício Fonseca Oliveira, existem hoje no Brasil cerca de 7 mil índios guaranis - numa estimativa, eles podem ter sido quase um milhão no século 16. A pesquisa para o projeto *Memória Viva Guarani* procurou, segundo Oliveira, estimular o fortalecimento das lideranças culturais das tribos. Cerca de 300 índios participaram das sessões de gravação do CD. A apresentação de amanhã à noite, no Sesc, está baseada na experiência que foi a gravação do disco, mantendo até algumas premissas básicas - a apresentação começa fora do palco.

Apesar de ser um povo nômade, é impressionante notar como a nação guarani - que já ocupou o Brasil de norte a sul, chegando à Argentina, ao Uruguai e ao Paraguai - mantém sua tradição cultural. "Você chega a aldeias localizadas na Grande São Paulo e encontra criança falando o guarani como língua principal e mal o português, assim como há práticas religiosas que têm mais de mil anos de existência", diz Oliveira.

"Na nossa cultura a gente não escreve, a gente somente fala", diz o índio Popyguá. Por meio do CD e da apresentação, que será gravada, os índios esperam facilitar a transmissão dos seus ritos seculares. A poética dos guaranis está fundada na palavra e no canto - que é uma expressão da própria divindade. Tanto é assim que o violão primitivo dos guaranis, eventualmente feito em casca de tatu, tem apenas cinco cordas, cada uma delas representando um deus: Tupã, Kuaray, Karai, Jakairá e Tupã Mirim.

Além da música, o Sesc Pompéia terá exposições de arte guarani, fotografias, desenhos infantis e um vídeo feito por um índio, mostrando a gravação do CD.



Meninas em aldeia de São Sebastião: acalantos regidos por guardião

## Coro infantil dá força excepcional a cânticos

Conduzidas por um mestre-de-cerimônias, crianças executam cantos de batizado e as rezas

Provavelmente, os americanos colocariam essa música nas prateleiras de world music, mas talvez possam compreender melhor seu significado se lhes disserem que os índios guaranis já estavam aqui na América centenas de anos antes da chegada de espanhóis e portugueses. Mais que "música do mundo", é música do tempo, é um som inaugural.

A busca desse som já levou músicos ocidentais pops, como Peter Gabriel, Sting, Paul Simon, Stewart Copeland e Alanis Morissette, à África, ao Paquistão, ao Brasil ou à Índia, em busca de alguma conexão com a espiritualidade da música. Alguns foram extremamente bem-sucedidos, especialmente o cantor do Pearl Jam, Eddie Vedder, no seu encontro com o paquistanês Nusrat-Fateh Ali Khan.

Muitos deles ficaram boquiabertos com o CD *Nande Reko Arandu*. Os guaranis tocam chocalho, tambor, varetas, violão e rabeça (essa última, um derivado primitivo da raze, a rabeça que os árabes legaram dos mouros e que, em algum momento das missões jesuíticas, chegou aos índios). Mas a força do disco está na delicadeza das canções e na afinação dos corais infantis - completamente diver-

dos dos ocidentais, sem os arranjos de agudos e graves, de baixos e tenores, de contraltos e sopranos. É tudo uma massa circular e aguda de som, que divide o espaço com intervalos longos e de timing preciso.

**Como um rap** - Os guaranis dizem que não querem "resgatar", mas preservar sua música. Ela é viva, está exercendo suas funções comunitárias e seu poder de persuasão. Conduzida por um mestre-de-cerimônias (como no rap, um MC), que é o Xondaro - o Guardião -, a maioria das canções é comum às quatro aldeias, mas apenas uma delas executa cada música.

A exceção são as canções novas, cantadas por todos, como a primeira, *Nhanerámoi'i Karai Poty*, surgida recentemente em uma das aldeias. O violão pode incomodar quem procura a raiz intocada (até porque o próprio coral se basta, com os chocalhos e o tambor). Mas os próprios índios defendem a incorporação do instrumento, tocado com uma afinação exclusiva e apenas cinco cordas.

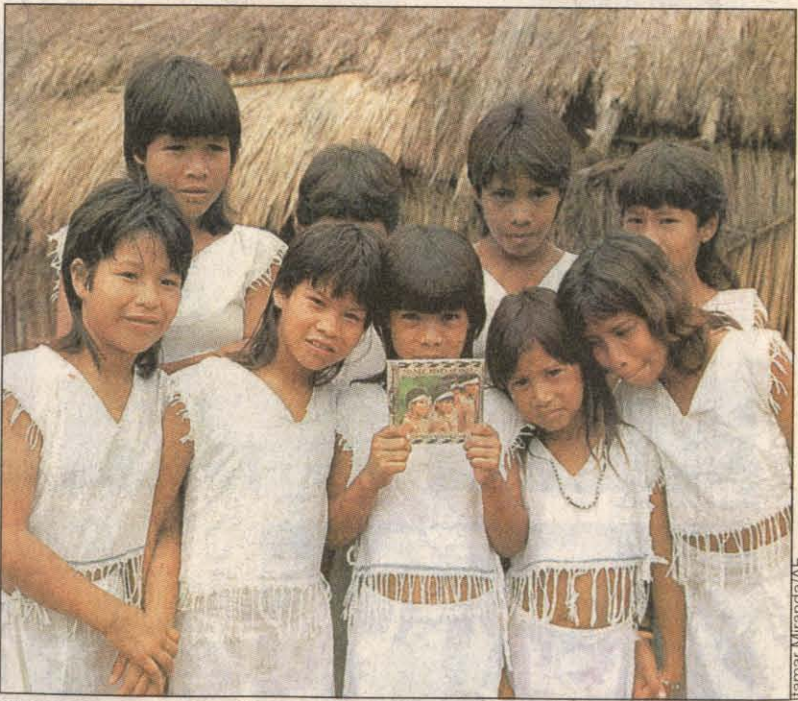
Há algo de poético também na apresentação da canção ritual guarani. É como se o espírito mais profundo da alma do seu povo só pudesse ser tocado pela voz de uma criança - usada até para os acalantos. A criança faz dormir a própria criança, como em *Mamo Teta Guireju*. Os deuses parecem ter ouvido os guaranis: sua voz sobreviveu ao tempo e ao espaço. (J.M.)



Garotos na capa do CD: apoio do programa Comunidade Solidária



Músicos com violão, tambor e rabeça: legado das missões jesuíticas



Crianças mostram disco: cerca de 300 pessoas em quatro sessões

### SERVIÇO

**Nande Reko Arandu - Memória Viva Guarani.** Lançamento do CD dos grupos Kunhá Arandu Mirim, Tape Nhemoxatã, Tenondé Porã e

Xondare Mirim. Amanhã e sábado, às 21 horas; domingo, às 18 horas. De R\$ 5,00 a R\$ 10,00. Sesc Pompéia, Rua Clélia, 93, tel. 3871-7777